



História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Pereira Elmir, Cláudio

Histórias dos sentidos e da imaginação: as memórias de Flávio Tavares

História Unisinos, vol. 13, núm. 2, mayo-agosto, 2009, pp. 140-145

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866833012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Histórias dos sentidos e da imaginação: as memórias de Flávio Tavares¹

The history of senses and imagination: Flávio Tavares' memoir

Cláudio Pereira Elmir²
elmir@unisinos.br

Resumo. Este artigo analisa o livro *O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder*, publicado pelo jornalista Flávio Tavares (2004), na ocasião em que se comemoravam os 50 anos do suicídio do Presidente Getúlio Vargas. Situado em um campo difícil de circunscrever, entre o relato de memória e a autobiografia, o texto de Tavares permite estabelecer as maneiras como a subjetividade se revela na narrativa, em suas múltiplas dimensões. Destacam-se, nesta abordagem, as formas retóricas mediante as quais o autor busca autenticar seu testemunho.

Palavras-chave: Flávio Tavares, subjetividade, memórias, retórica testemunhal, história política.

Abstract. The present article analyses the book *O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder* (2004) (The day Getúlio killed Allende and other authority novels) published by journalist Flávio Tavares during the celebration of the 50th anniversary of President Getúlio Vargas' suicide. Placed between remembrance and autobiography, an area hard to circumscribe, Tavares' text allows us to establish the ways in which subjectivity, with its multiple dimensions, reveals itself in the narrative. The approach used in the article highlights the rhetorical ways through which the author tries to authenticate his testimony.

Key words: Flávio Tavares, subjectivity, memoir, testimonial rhetoric, political history.

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no GT "Tradição oral, narrativas e narradores II" durante o IX Encontro Nacional de História Oral, "Testemunhos e Conhecimento", promovido pela Associação Nacional de História Oral (ABHO) e pelo PPG em História da UNISINOS, em São Leopoldo, entre 22 e 25 de abril de 2008.

² Doutor em História pela UFRGS. Professor do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS.

"[...] nas profundezas do seu íntimo, a realidade é assim: soa como ficção"
(Tavares, 2004, p. 11).

A questão central que orienta este trabalho incide na análise da narrativa produzida pelo jornalista gaúcho Flávio Tavares (1934), cujo lugar de origem principal está nos encontros que o autor-personagem pôde realizar com diversas figuras públicas, no Brasil e no exterior, em diferentes momentos de sua trajetória de vida, notadamente no período entre 1954 e 1964. Esses encontros são contados no livro *O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder*, publicado pela Editora Record (RJ) em 2004.

A narrativa desse livro está dividida em duas partes. Na primeira delas, Tavares aborda o período compreendido desde o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954, até o golpe civil-militar de março de 1964. Nessa parte, dá destaque a proeminentes figuras públicas, como o senador, e depois presidente do Chile, Salvador Allende, o próprio Vargas, o General Henrique Teixeira Lott (candidato derrotado às eleições presidenciais de 1960), os presidentes Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Já na segunda e menor parte do livro, o autor destaca algumas personalidades com as quais se encontrou – nem sempre de maneira direta –, especialmente no período de seu exílio (1969-1979), abrangendo traços peculiares de sua percepção como jornalista nestas circunstâncias.

Sem fazer sucumbir os personagens, em nenhum momento, ao tempo de sua experiência, Tavares ilumina a história por meio de sua particular visada nessas vidas reconstituídas subjetivamente por ele. Assim, o objetivo imediato deste trabalho é testar um método (o qual Beatriz Sarlo denomina de “A retórica testemunhal”)³ que permita um acesso teoricamente consistente aos mecanismos pelos quais o enredo de Tavares se constrói nesse texto. Este objetivo submete-se a uma intenção maior – e de mais demorada verificação –, que é a de compreender a reconstrução, pelo trabalho da memória em seu relato testemunhal, do exílio de intelectuais latino-americanos, entre os quais Tavares se situa.

A pergunta que estamos propondo para viabilizar esta análise da narrativa diz respeito apenas a um aspecto a ser focalizado aqui. Ela concerne à deliberada inclusão do autor como personagem da história que narra. A interrogação é: que sinais estão presentes na narrativa de Tavares e que permitem perceber, segundo nossa particular leitura, uma permanente oscilação entre aquele que conta a história (o narrador), ao mesmo tempo em que narra a própria experiência (personagem); ambos sintetizados, neste caso em particular, na figura do autor? Assim, Flávio

Tavares parece condensar em si, nesse relato, três sujeitos possíveis (narrador, personagem e autor), embora, a rigor, não se trate de uma autobiografia.⁴

Para realizarmos esta análise da narrativa de Tavares, optamos por isolar apenas um elemento da narrativa, qual seja, a autoria, relacionado aos diferentes sinais de subjetividade presentes no texto. Para tanto, identificamos os diversos momentos nos quais a marcação do sujeito do relato emerge, associando essas circunstâncias aos imperativos da visão e da audição. O olhar e a escuta orientam, ou simulam orientar, o testemunho, e contribuem, na sua consecução pela escrita (mediante a descrição e a narração) para a realização da retórica testemunhal, em suas várias manifestações.

Por um lado, o fato de ter estado lá (a presença) ou de ter ouvido falar por quem protagonizou os eventos (os personagens do livro de Tavares) são aspectos que cumprem a função de dignificar o relato, atribuindo a ele, desde um certo ponto de vista, legitimidade. Por outro lado, não podemos ser ingênuos. A forte presença do detalhe também é capaz de revelar a submissão do relato à imaginação. Temos, então, o paradoxo do testemunho, que oscila entre o reconhecimento (no passado) e a invenção (no presente, deste mesmo passado).

O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder, em certa medida, é o resultado de um sucesso editorial e de crítica anterior de Flávio Tavares. Referimos aqui o livro *Memórias do esquecimento*, publicado pela Editora Globo, em 1999, premiado, no ano seguinte, com o Prêmio Jabuti de Literatura, que já alcançou, sob o selo da Editora Record, a marca de cinco edições (Tavares, 2005) e a frequência constante nas listas de livros mais vendidos no Brasil. Seu segundo livro, que é objeto de nossa análise neste texto, repete o prêmio e o número de edições da obra anterior – em apenas um ano – e alcança repercussão semelhante entre os leitores e a crítica.⁵ É interessante notar que, não obstante o título do livro (*O dia em que Getúlio*

³ O que vem a ser a “retórica testemunhal”? De certa forma, ela se realiza no relato por meio de um tipo específico de inteligibilidade, que Sarlo (2007) denomina de inteligibilidade narrativa, a qual se distancia de um outro tipo, reconhecido pela autora como mais adequado. Este, ela o designa como inteligibilidade explicativa, causal. Na primeira, temos a presença do efeito de coesão; representações estilizadas e simplificadas; unidade de sentido. Na prática testemunhal, convergem procedimentos que acabam por constituir um modo realista-romântico. Este modo se estrutura tanto pela forte presença do detalhe (“acumulação de peripécias”), o que caracterizaria a dimensão realista, quanto pela pessoa eleita para o relato. A escolha pela 1ª pessoa do singular ajuda a constituir a dimensão romântica da narrativa. Além disso, a profusa referência à juventude de seus protagonistas e narradores também ajuda a compor o modo romântico de exposição. Para maiores detalhes, ver Sarlo (2007, p. 45-68). A radical crítica do testemunho feita por esta autora neste texto se relaciona ao “dispositivo do sensacionalismo que afeta o discurso da história mais recente” (Sarlo, 2005, p. 149). A grande preocupação da autora é o excesso imposto por estas práticas memorialísticas. Diz ela: “[...] hoje ninguém parece se conformar com uma ausência. Sujeita à imposição de se mostrar tudo, de se dizer tudo, a história se torna exuberante, não de sentido, mas de detalhes” (Sarlo, 2005, p. 150).

⁴ Esta é, de fato, uma questão de difícil resolução. Se, de um lado, temos uma convergência entre autor/narrador/personagem, de outro, não podemos dizer que o objeto da narrativa de Tavares seja ele mesmo. Pelo menos, não sem estabelecer algumas importantes mediações acerca do conteúdo de seu texto. A definição de autobiografia é um tema bastante complexo e irredutível a qualquer tentativa de estabelecer um sentido universal, se pudermos utilizar esta expressão. Um exemplo disto é o que diz Becker (1999, p. 12), para quem: “el género autobiográfico tiene subgéneros, como las memorias, el diario íntimo y el autorretrato, cuyos deslindes y caracterización son difíciles por las contaminaciones recíprocas”. Para um aprofundamento desta discussão, ver Alberti (1991) e, especialmente, Lejeune (2008).

⁵ O Prêmio Jabuti de Literatura é, senão a mais importante, uma das principais distinções honoríficas no meio editorial brasileiro, concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro desde 1959. *Memórias do esquecimento* obteve o prêmio no ano 2000, na categoria “Reportagem”. Naquela ocasião, o livro havia sido publicado pela Editora Globo. Já *O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder* conquista esta mesma láurea em 2005, agora na categoria “Reportagem e Biografia” (para maiores informações sobre o Prêmio Jabuti, ver o site: www.cbl.org.br). É interessante observar – não obstante a discrepância com a ficha catalográfica – que os dois livros de Tavares estão classificados, no site da sua atual editora, a Record, como “Romance Brasileiro” (ver: www.record.com.br). Flávio Tavares menciona, em entrevista que me concedeu em outubro de 2008, que a quinta edição do *Memórias*, ao que lhe parece, teve uma tiragem de dez mil exemplares, ao passo que *O dia em que Getúlio matou Allende*, como um todo, vendeu muito mais: “[...] os primeiros dez mil exemplares venderam em seis dias. Foi em São Paulo e Porto Alegre que, quinze dias depois veio a terceira edição” (Tavares, 2008).

matou Allende e outras novelas do poder) indicie uma dicção assinalada pela presença do ficcional – seja em que medida for –, a ficha catalográfica providenciada pela editora traz a seguinte e estapafúrdia classificação: “1. História universal. 2. Poder (Ciências Sociais)”. Se esta é a intenção que a casa publicadora reconhece na obra, há que fazer menção a outra percepção do livro, desta vez vertida pelo próprio autor, sob o título de *Advertência* e que, ao preceder a narrativa propriamente dita, se oferece como uma espécie de autoclassificação antecipatória, quem sabe um preâmbulo, a orientar a leitura. Sob o jugo desta vontade (a vontade do autor, na sua *Advertência*), e pensando em nosso deleite, tudo já estaria melhor arranjado. Quem sabe, ao não me reconhecer como leitor-modelo do texto (aqui pressupondo o ponto de vista do autor e, também, o ponto de vista da editora), esteja a exigir, como leitor empírico atípico, o que em nenhum momento esteve no horizonte da produção. No texto da *Advertência* consta literalmente:

Nestas novelas do poder, nada é inventado e tudo em verdade ocorreu. Se, ao longo do relato, a trama se desenvolve como num romance em que as paixões se exteriorizam no amor e no ódio, na ilusão e no sonho, na vaidade e no embuste – ou se atritam entre si, como na ficção convencional –, tudo se deve a que, nas profundezas do seu íntimo, a realidade é assim: soa como ficção. O título é uma metáfora ou alegoria. Mas, ao brotar de algo vivido, é uma alegoria que passa a ser real (Tavares, 2004, p. 11).

O título revela, por meio de uma leitura pouco ilustrada nas figuras de linguagem, uma impossibilidade lógica, do ponto de vista da cronologia. Getúlio Vargas, tendo morrido dezenove anos antes de Salvador Allende, não poderia ser o seu assassino. Mas sobre isto quero falar mais adiante. Por hora, basta destacar a ambiguidade contida no texto da *Advertência*. Trata-se de uma ambiguidade que faz conviverem, na contracorrente das posturas realistas ou das lógicas duais, a realidade e a ficção. Aquela, como se fosse esta. Flávio Tavares, ao preto ou branco, aqui prefere fazer o elogio dos “tons de cinza”. Em um texto conduzido pela força da imaginação, posições relativistas não devem surpreender ninguém.

Se o poder ocupa uma posição central na narrativa de Tavares, esta posição está submetida, o tempo todo, a um campo de ação dos personagens retratados (e, nunca é demais lembrar, retratos não são fotografias) no qual o flagrante do ínfimo, do quase imperceptível a olho nu, do aparentemente

desimportante, é a tônica da narrativa. Se as personalidades são públicas e se o poder é algo que se exerce, prioritariamente, no âmbito da esfera pública e, portanto, coletiva – já que diz respeito a todos –, o relato de Flávio Tavares subverte esses princípios e localiza em lugares “ex-cêntricos” estas mesmas personalidades. Quase sempre, é desde um lugar afastado (uma praia, um jardim, uma calçada, um hotel) daquele onde os personagens concretizam seu exercício do poder que sua ação é reconhecida. Dizendo em outras palavras, e sugerindo esta afirmação como hipótese ou questão: a distância do centro pode estar na origem de manifestações (palavras, gestos, expressão de sentimentos, olhares...) que, de outra maneira, não poderiam vir à tona?

O importante a ser destacado é que, se as personalidades públicas com as quais Tavares se defronta – seja como líder estudantil nos anos 1950, seja como jornalista nos anos 1960 (e estas são posições públicas!) – deixam-se perceber por meio de sinais que são mais comumente associados à esfera do íntimo, ou até mesmo do privado, há, em contrapartida e de maneira congruente com essa exposição (voluntária ou não), o desejo deliberado de o narrador construir o seu relato chamando a atenção justamente para a particularidade de sua relação com estes personagens. Ao mesmo tempo, dessa forma, autentica o testemunho. É como se a exteriorização do testemunho funcionasse como uma revelação, a revelação de um mistério que pertence, originalmente, apenas ao narrador (a visão solitária e ao longe de um governante solitário) ou, em alguns casos, ao narrador e ao sujeito sobre o qual se detém o seu discurso (ver adiante o caso de Frondizi). Isso tudo ocorre, mesmo que, em algumas situações (o suposto romance do Presidente Vargas com a vedete Virgínia Lane, por exemplo), no fundo, a revelação já seja de domínio público ou do senso comum. Quem sabe, nesses casos, o traço diferencial – o que ainda garante a importância do testemunho enunciado – se encontre na particular posição assumida (a circunstância) por quem conta a história, ou seja, Tavares.

No texto de abertura da narrativa (a *Introdução*) e ao longo de todo o relato, é flagrante o desejo de marcar a posição privilegiada de “sujeito soberano da enunciação”, mal comparando, a exemplo do que Hartog (1999) identificou no texto herodotiano.⁶ Ao falar sobre as experiências do passado, trazidas à tona no relato que recém inicia, o personagem coadjuvante desta história centraliza sua performance, posicionando-se no coração dos acontecimentos, que se desenrolam diante de si. Nesse sentido, diz: “acompanhei”, “andeí”, “aprendi”, “apalpei”, “vi”, “descobri”

⁶ “As análises de Hartog ressaltam essa vontade explícita do autor de marcar a sua posição de narrador, isto é, de sujeito soberano da enunciação: ‘eu vi’, ‘eu ouvi’, ‘eu contarei’, ‘eu mostrarei’, ‘eu direi’, mas também ‘eu não direi’, ‘eu sei, mas mantereí a informação secreta’ etc. Estas expressões pontuam o texto e nos lembram incessantemente que a nossa informação só provém do seu saber” (Gagnebin, 1997, p. 23).

(Tavares, 2004, p. 13-14). Em alguns trechos (Tavares, 2004, p. 71 e 137, por exemplo) ocorre a combinação deste acento à estrita pessoalidade, com o recurso à primeira pessoa do plural (ainda que indireto), no uso de um nós geracional, que traz consigo um sujeito subentendido: “Nós, os jovens dos anos 1950-1960” (v. Cardoso, 2005). Neste momento, a autenticação do testemunho passa por um critério intersubjetivo implícito. Se, de um lado, a evocação do testemunho alheio pode servir ao propósito de controlar o forte peso da subjetividade identificável no relato feito em primeira pessoa, na narrativa de Tavares este recurso é apenas uma estratégia retórica que busca reforçar-legitimar o ponto de vista exposto:

[...] o discurso da memória e as narrações em primeira pessoa se movem pelo impulso de bloquear os sentidos que escapam; não só eles se articulam contra o esquecimento, mas também lutam por um significado que unifique a interpretação (Sarlo, 2007, p. 50).

Beatriz Sarlo, no capítulo, talvez, mais importante de seu livro *Tempo Passado*, intitulado “A retórica testemunhal” (Sarlo, 2007, p. 45-68), chama a atenção para o “primado do detalhe” como um meio utilizado para o fortalecimento da credibilidade do narrador e da veracidade daquilo que é dito. O efeito de verdade que a presença do detalhe é capaz de produzir acaba por transformar este último em um importante dispositivo de prova.⁷ Na narrativa de Tavares, foi-nos possível identificar vários trechos, nos quais houve, em benefício da plausibilidade do relato, uma combinação de elementos autenticatórios expressos pelo primado do detalhe. Como já mencionado, a audição e, especialmente, a visão – de maneira acurada – proporcionam a presentificação da experiência.

Tavares conta uma das entrevistas que fez na Argentina, quando exilado (1975-1976), com o ex-presidente daquele país Arturo Frondizi. O recurso à citação direta (neste caso, reprodução do diálogo havido entre os dois) contribui para o trabalho de presentificação da experiência pela memória. Teria dito Frondizi: “– Vou lhe contar meu segredo de Uruguaiana. Pouquíssimos o sabem! – disse e logo fez uma pausa” (Tavares, 2004, p. 180). Aqui temos, como anunciávamos antes, a narrativa em 1ª pessoa com

a função revelatória. É possível reconhecer a revelação do mistério. Neste caso, em particular, a duplicação da revelação ouvida pelo autor, agora por ele contada em sua narrativa. O detalhe do relato ouvido está na lembrança das circunstâncias (também visuais) em que ele se deu. Diz ele: “Ajeitei-me na poltrona para receber o impacto do ‘segredo’, e Frondizi fez um sorriso morto, daqueles em que não há riso e apenas se abre a comissura dos lábios para puxar o passado lá do fundo da memória” (Tavares, 2004, p. 180).⁸

No texto mais longo da narrativa, (o capítulo II, *Getúlio. Rio, mar e lama*; Tavares, 2004, p. 31-98), encontramos o relato da experiência do narrador como líder estudantil no início dos anos 1950, no Rio de Janeiro. Em um sábado de julho de 1952, Tavares e várias outras pessoas tiveram a oportunidade de ver Getúlio Vargas na praia de Ramos, na zona norte da cidade. Tavares utiliza esse episódio para destacar tanto a atitude respeitosa da população com o presidente: “[...] sua presença tinha a força do poder. E o poder inibe” (Tavares, 2004, p. 34), quanto, mais especialmente, para demonstrar sua aguda capacidade de observação e, agora, sua memória prodigiosa. Diz ele, sobre a visão que teve de Vargas:

[...] e ele ficou imóvel, longos minutos em silêncio, de frente para o mar, fitando a imensidão da Baía de Guanabara. Em seguida, andou uns passos, agachou-se, agarrou um punhado de areia, apertou-a nas mãos como para sentir-lhe o tato desvencilhando-se dela (Tavares, 2004, p. 33).

É nesse capítulo que encontramos em profusão o primado do detalhe, por meio dos olhos do narrador. Olhos que gravaram cenas do poder solitário do Presidente e que foram capazes de reconstituí-las cerca de 50 anos após sua particular captura. Ao lembrar sua participação como membro do Conselho da UNE, em 1953-1954, Tavares descreve as cenas a que pôde assistir desde a janela de seu quarto no Hotel Novo Mundo. Aqui é reproduzida apenas uma delas:

Algumas tardes o vi com um charuto entre os dedos, como se fosse a única companhia admitida naqueles momentos. Nenhum gesto, porém, de levá-lo à boca, nenhuma baforada. Pela manhã ou ao entardecer,

⁷ Francine Prose (2008) lembra que o detalhe, quando bem urdido na narrativa (independentemente de sua veracidade), é capaz de desmobilizar a atitude crítica de quem o escuta: “São os detalhes que nos convencem de que alguém está contando a verdade – todo mentiroso sabe disso, instintivamente e por experiência própria. Maus mentirosos amontoam os fatos e os números, as provas corroborantes, as digressões improváveis, terminando em becos sem saída, ao passo que os bons (ou pelo menos os melhores) sabem que é o detalhe singular inestimável que salta da história e nos diz para relaxar; podemos deixar nossos enfadonhos papéis adultos de juiz e nos tornar de novo confiantes como crianças, ouvindo o evangelho do conhecimento adulto sem uma só preocupação ou dúvida” (Prose, 2008, p. 195).

⁸ Antes de revelar o segredo, Tavares – por meio de um artilharia protelatório da história? – levanta uma hipótese sobre aquilo que poderia ser a revelação: um boato de que Frondizi teria nascido no Brasil e não na Argentina. Se confirmado, seria um escândalo, já que ele fora Presidente da Argentina, eleito em 1958. Feitas essas considerações, numa reversão de expectativa, Tavares finalmente traz a versão de Frondizi: “Em plena ‘guerra fria’, Jânio propôs a Frondizi ‘uma aliança em todas as frentes’, da política e economia até aos exércitos e ao ensino, a partir de uma postura de ‘nitida e total autonomia’ em face dos Estados Unidos, que começaria pela Organização dos Estados Americanos (OEA) em forma tênue mas gradual, para avançar marcando as distâncias e, passo a passo, chegar à própria ONU. Em suma: a Argentina e o Brasil formariam um bloco à parte, autônomo e independente, sem recorrer politicamente aos Estados Unidos mas sem tampouco descambar para o bloco soviético” (Tavares, 2004, p. 181).

sempre de casaco e gravata, passos longos, a cabeça meditativa e baixa, olhando o chão, como a tirar da terra a solução do que buscava e no que pensava. De quando em quando, fitava o céu, diminuindo o passo até parar e permanecer estático por longos segundos. Sim, fitava o céu de quando em quando, nunca porém a linha do horizonte, pois aí enxergaria o palácio. E era dele que Getúlio queria safar-se naqueles minutos de caminhada. Naqueles únicos minutos em que podia ser solitário sozinho, sem ter ninguém ao lado. Nas horas do palácio, nas reuniões do ministério, nos despachos, audiências, visitas ou recepções ele continuava solitário, só que acompanhado (Tavares, 2004, p.42).⁹

Esta transposição da percepção do gesto privado para o comportamento político do presidente leva a interrogar qual o procedimento a permitir tal ilação. O acompanhamento do noticiário político nacional por um jovem militante da política estudantil? Ou, retrospectivamente, a avaliação de um homem maduro desde o momento em que resolve desencadear o trabalho da memória, 50 anos depois dos acontecimentos? Tratar-se-ia de um conhecimento de parte implicada no calor da hora ou de um conhecimento alcançado no acúmulo de toda uma experiência de vida? Mais adiante na narrativa, Tavares (2004, p. 46) reforça sua convicção, síntese das descrições feitas anteriormente: “A solidão do poder era visível da janela do meu quarto de hotel, nesse 1953-1954”. O narrador-testemunha revela aqui a capacidade para ver o invisível, ou seja, olhar a cena e ver o sentimento. De certa forma, a descrição dessa cena está a serviço de uma resolução da História que o personagem-narrador não poderia saber naquela circunstância, mas que o narrador, sim, conhecia, quando concluiu este capítulo, com as seguintes palavras: “Às 8h 25min da manhã, ouviu-se o disparo. Era 24 de agosto de 1954” (Tavares, 2004, p. 98).¹⁰

Flávio Tavares não estava no Brasil por ocasião do suicídio de Getúlio Vargas. Como líder estudantil convidado (Presidente da União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul), estava a caminho de evento comemorativo do quinto ano da Revolução Chinesa. Lá, pôde encontrar o então vice-presidente do senado chileno, Salvador Allende. Foi a Tavares que Allende perguntou sobre os acontecimentos do final de agosto. E ele contou: “– O Presidente Getúlio Vargas suicidou-se com um tiro no coração, em pleno palácio, no fragor de uma crise política – expliquei, contando-lhe o pouco que sabia da tragédia daquela manhã de 24 de agosto no Rio, lido em Moscou no *Izvestia* e no *Pravda*, mas que era uma torrente comparado ao parcimonioso quase-nada divulgado nos jornais chineses” (Tavares, 2004, p. 22). Mais uma vez, identifica-se o registro dos gestos, dos olhares, dos sentimentos. Aqueles que Allende teria percebido em Tavares e, em contrapartida, aqueles que o jovem estudante anotou de seu interlocutor. Neste encontro e em outros, nos dias a seguir, o mesmo acento, até mesmo nas palavras do Senador, que disse estar impressionado com o caso relatado: “– Não me sai da cabeça a história de Vargas” (Tavares, 2004, p. 27).

É no primeiro capítulo do livro de Tavares, intitulado *Allende: o espelho* (Tavares, 2004, p. 19-30), que o título do livro vai-se explicando por meio da narrativa. Não se trata, como falávamos no início deste texto, do cumprimento de uma lógica cronológica simples, aquela que dirige, por exemplo, histórias “contadas” por meio de Anais.¹¹ Não temos aqui o cumprimento da ordem mais simples, aquela que requer “o um depois do outro”. A ordem nessa história se parece com o “um por causa do outro”, ainda que se trate de causalidades indiretas e apenas sugeridas por intermédio de um relato contundente.¹²

⁹ Não há dúvida de que temos, nesta descrição, um “gesto eficaz” em termos da narrativa (Prose, 2008, p. 224). Eficaz, no sentido de sua repercussão no leitor, em seu trabalho de decodificação. A descrição da visão que Tavares teve da figura do Presidente é, ela mesma, também um gesto; o gesto da linguagem de Tavares. “Gestos adequadamente usados – plausíveis, nada teatrais ou extremos, mas singulares e específicos – são como janelas abrindo-se para nos deixar ver a alma de uma pessoa, seus desejos, medos ou obsessões secretas, as relações precisas entre essa pessoa e o eu, entre o eu e o mundo, bem como [...] a complicada coreografia emocional, social, histórica [...]” (Prose, 2008, p. 210). Na duplicação extemporânea dos movimentos mais íntimos do Presidente, revela-se pela narrativa, didaticamente, o sentido que se quer atribuir à história. O conceito-síntese, o da “solidão do poder”, se oferece neste largo gesto da linguagem, pelo qual o narrador faz o leitor ver a cena posta originalmente diante de seus olhos.

¹⁰ O interessante artigo de Ferreira (2007), no qual a autora analisa diferentes momentos na história do Brasil recente, desde a morte de Vargas em 1954, em que se deu a “construção da memória” de sua figura pública (1964, 1974, 1983, 1984, 1994 e 2004) faz-nos pensar na legitimidade da preocupação de Tavares com os usos que se faz no presente da memória do Presidente e que, grosseiramente, poderiam ser sintetizados sob as rubricas ditador, em um extremo, e benfeitor social, em outro (Tavares, 2008). Embora a autora não tenha demonstrado suficientemente o que ela denomina de “boom de memória de 2004” em relação à figura de Getúlio Vargas – aliás, não é citado o livro de Flávio Tavares –, a reprodução do entendimento de Cândido Prunes, vice-presidente do Instituto Liberal, nesta ocasião, justifica o receio de Tavares: “Neste ano em que se registram os 50 anos do suicídio de Getúlio Vargas, deveria se iniciar uma campanha pelo banimento de seu nome de todas as ruas, avenidas, praças e locais públicos. Foi ele um caudilho sanguinário que deveria merecer o opróbrio, como qualquer ditador. Ou então, por uma questão de justiça, comecemos a homenagear os militares ‘linha dura’ de 1964” (Prunes in Ferreira, 2007, p. 34).

¹¹ Hayden White (1990) reconhece que na história estruturada sob a forma de “anais” não existe uma série de características normalmente observáveis em uma estória: “no central subject, no well-marked beginning, middle, and end, no peripeteia, and no identifiable narrative voice. [...] there is no suggestion of any necessary connection between one event and another” (White, 1990, p. 6). “[...] the annals form lacks completely this narrative component, since it consists only a list of events ordered in chronological sequence” (White, 1990, p. 5).

¹² A narrativa de Tavares subverte, em muitos momentos, a ordem lógica e temporal, em benefício da realização de digressões. No lugar de uma causalidade explícita, entra em cena uma forma de dispor a estória que exige um leitor menos preguiçoso e mais expectante: “Se uma narrativa se organiza segundo uma ordem causal, mas conserva uma *causalidade implícita*, obriga por isso mesmo o leitor virtual a realizar o trabalho a que o narrador se recusou” (Todorov, 1973, p. 66, grifo meu). Este modo de construir o texto não impede que, em algumas ocasiões, uma explicação retrospectiva dos eventos entre em cena (entre parênteses e em itálico) a fim de esclarecer algum ponto nebuloso ou mal resolvido da história; neste caso, por meio de uma onisciência que o “tempo da narração” – diferentemente do “tempo do narrado” – é capaz de fornecer. Ver, por exemplo, Tavares (2004, p. 81-82).

Ainda longe do Brasil, em setembro de 1973, agora como exilado político da ditadura militar, Flávio Tavares toma conhecimento – dezenove anos depois daquele encontro de dois latino-americanos na China – da morte do Presidente do Chile, Salvador Allende. Desde o México, lugar de residência do jornalista, consuma-se a percepção do círculo, a linha que encontrou o seu destino ao fechar-se sobre si mesma. Diz Tavares sobre a imagem de Allende, no palácio presidencial, de metralhadora em punho:

[...] reconheci aqueles olhos: tinham o mesmo brilho inquieto e extravagante dos olhos com que ele me fitou, 19 anos antes, no hotel de Pequim, quando eu lhe contei do suicídio de Getúlio Vargas. Um brilho profundo de retina entreaberta, como buscando decifrar o mundo com a mirada, dizendo com o olhar que estava vivo. Um brilho que permanecia na radiofoto transmitida pelos ares e não se esvaía sequer na imprecisão do papel fotográfico (Tavares, 2004, p.29).

E conclui:

[...] o suicídio de Getúlio Vargas deu-lhe o sentido de que só o sacrifício eterniza o poder, é o que – até hoje – me dá a certeza interior de que Salvador Allende disparou contra si mesmo (Tavares, 2004, p. 30).

Narrativas são superfícies que contêm muitas dobras. Tavares revelou-se, neste relato, um exímio demiurgo de histórias cujo lugar de origem esteve tanto naquilo que ele viu e naquilo que ele ouviu, quanto naquilo que sua imaginação prodigiosa foi capaz de conceber a partir – mas não subjugado – pela visão e pela audição.¹³ É esta sofisticada operação o que lhe permitiu tornar-se, de personagem coadjuvante responsável por conduzir a história de grandes personalidades desde o seu ponto de vista de testemunha, em protagonista. O enredo engenhosamente construído alçou Tavares à posição de protagonista. Afinal, não foi ele mesmo o portador do espelho de Getúlio no qual Allende pôde se mirar? *O dia em que Getúlio matou Allende* agora também poderia ser chamado *O dia em que*

Tavares matou Allende. E ainda há pessoas que acreditam ser impossível fazer coisas com palavras.

Referências

- ALBERTI, V. 1991. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, 4(7):66-81.
- BECKER, M.G. 1999. La metanarración en la autobiografía. *Signos*, 32(45-46):11-15.
- CARDOSO, I. 2005. A geração dos anos de 1960. O peso de uma herança. *Tempo Social*, 17(2):93-107.
- FERREIRA, M.M. 2007. Getúlio Vargas. Uma memória em disputa. In: M.R. STABILI (org.), *Entre historias y memorias. Los desafíos metodológicos del legado reciente de América Latina*. Vervuert, AHI/ Iberoamericana, p. 21-36.
- GAGNEBIN, J.M. 1997. O início da história e as lágrimas de Tucídides. In: J.M. Gagnebin, *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Imago, p. 15-37.
- HARTOG, F. 1999. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte, UFMG, 481 p.
- LEJEUNE, P. 2008. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte, UFMG, 404 p.
- PROSE, F. 2008. *Para ler como um escritor*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 319 p.
- SARLO, B. 2005. A história compacta e a história ausente. In: B. SARLO, *Tempo presente. Notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro, José Olympio, p. 147-150.
- SARLO, B. 2007. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo/Belo Horizonte, Companhia das Letras/ UFMG, 129 p.
- TAVARES, F. 1999. *Memórias do esquecimento*. Rio de Janeiro, Globo, 276 p.
- TAVARES, F. 2004. *O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Record, 333 p.
- TAVARES, F. 2005. *Memórias do esquecimento*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Record, 302 p.
- TAVARES, F. 2008. Entrevista concedida a Cláudio Pereira Elmir. São Leopoldo, UNISINOS, 17 de outubro.
- TODOROV, T. 1973. *Poética*. Lisboa, Teorema, 105 p.
- WHITE, H. 1990. *The content of the form. Narrative discourse and historical representation*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 244 p.

Submetido em: 19/05/2009

Aceito em: 27/05/2009

Cláudio Pereira Elmir
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Av. Unisinos, 950, Bairro Cristo Rei,
93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil.

¹³ Perguntado por mim até que ponto o acaso cumpre um papel importante no desenrolar das histórias que conta, especialmente neste livro, *O dia em que Getúlio matou Allende*, Tavares responde: "E eu acho que eu explorei muito bem o acaso ali, minuciosamente, e tem certas situações que eu forcei a memória. Eu forcei. Se tu me perguntar se aqueles atos são exatamente iguais, eu não sei te dizer; o que me ficou foi aquilo. Se o Allende se levantasse da tumba agora e dissesse: - Olha aqui, eu não te disse assim... Talvez ele tivesse razão. A reconstrução é sempre uma reconstrução, tem muito de subjetivo" (Tavares, 2008).